

Porque hesita ainda o presidente do ministério em mandar regressar os deportados?

O regresso dos deportados impõe-se; o regresso dos deportados tem de fazer-se para que uma grande iniquidade se não transforme num grande crime.

As deportações foram, a princípio, uma violência e uma condenação violenta; um abuso do poder, o abuso mais repugnante que até aqui se tem praticado. Veio depois o prolongamento dessa iniquidade e verificou-se que os nossos vaticínios tiveram uma confirmação bem triste e bem trágica: três dos deportados sucumbiram!

Desde que três deportados perderam a vida em consequência do clima, da má alimentação e de toda a espécie de desconfortos, o problema assumia um aspecto mais grave.

A princípio era uma iniquidade que era preciso reparar. Depois — depois desse trágico acontecimento — era um punhado de vidas que cumpria salvar.

O sr. Domingos quando se tratou da iniquidade disse que era preciso repará-la e não a reparou. Agora que é necessário salvar um punhado de vidas o sr. Domingos Pereira ainda continuará hesitando. E' bom, e conveniente não se esquecer que a sua demora equivale a uma sentença de morte para todos os que foram ilegalmente enviados para África.

O sr. Domingos Pereira não tem o direito de manifestar a menor hesitação. Em primeiro lugar ordenando o regresso dos deportados, nada mais faz que cumprir o seu dever, visto que essa resolução está de acordo com todas as disposições legais. Só um governo de miseráveis de salafra, um governo sinistro de repressão, em que a estupidez faça com o ódio torpe aliança, pratica actos como o realizado por Vitorino Godinho. E um governo que sancione esses actos fica sendo, forçosamente, um digno continuador do de Vitorino Guimarães.

Em segundo lugar, a grande massa trabalhadora do país é nitidamente contra as deportações.

Se por opinião pública se entende a opinião da maioria do país — a opinião pública é contrária às deportações, como já exuberantemente o afirmou.

E dessa opinião pública fazem parte as forças da inteligência e do espírito: muitos escritores, médicos, jornalistas, advogados e artistas.

E até no terreno político a falange que maior opinião desloca — a da Esquerda Democrática — é contrária a essa iniquidade das deportações, como várias vezes pela voz dos seus dirigentes o tem afirmado.

No banquete da Esquerda democrática antontem realizado no Palácio de Cristal do Porto foi aprovado o envio do seguinte telegrama ao Chefe do Estado — telegrama que é um protesto bem fundamentado e conclusivo:

«Os republicanos democráticos, reunidos hoje em banquete de confraternização e solidariedade com os parlamentares irredimidos, têm a subida honra de saudar em v. ex.º o modelo de virtudes cívicas e de democracia de fé e energia raras. Toda a organização operária, que a República não pode nem devesse desconhecer, vem pedindo justiça no caso estranho das deportações sem julgamento. Não tem defesa o facto de a República cerrar os ouvidos a este apelo, a esta solicitação tanto mais de atender quanto se sabe que nessa organização há muitos homens que ajudaram a implantar a República e que têm contribuído para a sua consolidação, batendo-se por ela em rios combates. Pedimos, portanto, a v. ex.º a sua valiosa intercessão junto do governo para fazer cessar tamanha iniquidade, promovendo dentro da sua alçada um julgamento regular e francamente legal. Bem sabemos que este pedido dará ensejo a sermões mais uma vez apodados de bochechas pelos nossos detractores. Mas isso não nos entibia no cumprimento do nosso dever, pugnando pela natureza da justiça da República. Também muitos republicanos da propaganda foram tidos pela monarquia como anarquistas e alguns vultos eminentes estiveram prestes a seguir para Timor envolvidos nas malhas da tenebrosa lei de 13 de Fevereiro, como França Borges, por exemplo. Nem por isso deixaram de ser auxiliares combatentes do nosso ideal e modelos de devoção pela República.»

Porque hesitará o sr. Domingos Pereira, sabendo que a sua hesitação equivale a uma sentença de morte lançada contra todos os deportados?

Há homens que, intitulado-se representantes da raça negra, têm coragem de elogiar a obra colonizadora dos portugueses

Está em moda agora discutir-se o problema das colónias. Como pairam algumas nuvens ameaçadoras sobre o império colonial português, a grande imprensa toma as suas precauções.

Vai reunir-se em breve o II Congresso Internacional da Raça Negra, em Genebra. A ele acorrerão elementos negros de vários pontos de África e da América. Por isso a imprensa canta a ária sedutora do Portugal anti-esclavagista e protector da raça negra.

O *Seculo* apressou-se ontem a entrevistar o sr. Miguel Machado, membro do Partido Nacional Africano que participou no congresso.

O sr. Miguel Machado não podia ser mais feliz na entrevista que concedeu, salvo se o *Seculo* não lhe permitiu exprimir todo o seu pensamento. Um negro que tem o deslante de elogiar a obra colonizadora dos portugueses ou é cego e nunca viu o que se pratica em África ou atiração conscientemente a verdade.

Cego não é o sr. Miguel Machado, que parece ser pessoa muito conhecida do sr. João de Castro, marechal do P. N. A., de cuja competência em assuntos coloniais nunca tivemos o prazer de tomar conhecimento.

Mas, como já nos dizemos: cego não é o sr. Machado, porque soube ver e dizer que nas minas do Rand o negro é brutalizado e escravizado; que certas companhias estrangeiras, como a de Incomati, trazem o preto sujeito às mais degradantes condições de trabalho. Verifica-se, pois, que o ilustre congressista vê até de mais, vê para lá das fronteiras da África portuguesa, vê para dentro das companhias estrangeiras — só não viu o que vêm os brancos leais, só não viu que nas colónias portuguesas por simples ordem duma companhia, dum possente concessionário, se mandam arrazar aldeias!

Não estamos — repetimo-lo hoje mais

uma vez — fazendo o jogo das outras nações tão brutais e desumanas no trato dos pretos como Portugal. Embora o tenham insinuado várias vezes, passamos sobre as insinuações e vamos dando contas dos nossos actos à nossa consciência, felizmente bem tranqüila.

O que não podemos tolerar é que haja homens que se intitulem defensores duma raça escravizada, como é a das colónias portuguesas — no momento em que se põe à prova a sua sinceridade e a sua coragem moral recuem e transformem emlouvaminhas o azorrague com que deviam fustigar as faces do adversário.

Quando urge dizer que em Angola se caçam os pretos, como quem caça feras, que sob o falso pretexto de contratos — se separam as mães dos filhos pequenos; que as Companhias do Nyassa e de Moçambique põem e dispõem da vida e da existência de tribus inteiras; quando chegou a hora de proclamar, em nome não duma raça mas da humanidade ofendida, todas as grandes e dolorosas verdades — o sr. Miguel Machado, intitulado-se representante das colónias portuguesas, afirma no *Seculo* que iria levar ao conhecimento da Europa culta «que a obra de expansão civilizadora de Portugal, velha de séculos, é a única que prende os sentimentos dos povos africanos aos destinos da sua respectiva metrópole».

Irra, que é preciso ser de boa tempera! São estes depoimentos que dão ao tirano maior força para esmagar o escravo. São negros desta espécie, mais cultos e, portanto, por conhecerem a verdade, deviam ser mais rebeldes, que permitem a vergonha que vai por essa imprensa!

Bem anda o sr. Armando Cortezê em afirmar que não há escravatura nas colónias portuguesas. Se os escravos, ou descendentes dos escravos, por cobardia ou por cálculo, são os primeiros a elogiar «a obra civilizadora dos portugueses»...

NOTAS & COMENTÁRIOS

Coerência católica!

As conspícuas Novidades chamam «papel odioso» à atitude que temos assumido, revelando os abusos e crimes que certos padres têm praticado, servindo-se do domínio que exercem sobre populações ignorantes e adrede fanatizadas.

Não tem o jornal católico uma única palavra de reprovação para toda a espécie de baixezas, violências e desumanidades que o padre Mesquita cometeu; nem lampoucas contra todos os padres que são venais e criminosos e cujas repugnantes façanhas nós temos, sem o menor exagero, sobremente relatado.

O odioso de tudo isto não são os padres criminosos, mas sim, referindo o perigo moral e material que eles representam.

Dizem ainda as Novidades que os «estamos metendo com a vida particular dos padres. Ficamos entendidos: da vida particular dos padres faz parte a violação de menores. E' esta a doutrina das Novidades — e por sinal que é coerente com o passado monstruoso do catolicismo.

Uma delinquência exacta!

No banquete do Palácio Cristal o deputado Sá Pereira referiu-se, nestes termos, ao seu correligionário bonzo António Maria da Silva: «um homem, existe que um dia afirmou encontrar-se o País a saque. Tempos volvidos subiu ao poder e, em vez de moralizar os costumes, esquecendo-se da moralização produzida, abriu os cofres públicos a toda a gente se quiz vender».

Se não tivéssemos dito de quem se tratava, os leitores não deixariam de reconhecer, no admirável retrato que dele traçou o seu correligionário Sá Pereira.

Uma comemoração

A Associação do Pessoal Maior dos Correios e Telégrafos comemora hoje o movimento telegrafo-postal de 1 de Setembro de 1917. O programa das suas festas é sucinto e dá para todos os paladares. Além duma conferência do dr. Agostinho Fortes, que é, ali, há missa a grande instrumental na igreja de São Julião, sufragando a alma de Santos Valente e Abílio Pinho. Termina a comemoração com um baile e não sabemos se haverá valsa a prêmio. Se os pobres mortos soubessem que lhes resavam missa pela alma seriam capazes de ressuscitar para morrer novamente de vergonha...

Por falta de número...

Durante a madrugada de ontem esteve para rebentar mais uma revolução conservadora. Parece que não se realizou por falta de número, como as sessões do Parlamento... Entretanto, não será demais o povo andar de olho alerta, não vá por acaso haver número em algum dos dias próximos e, como os cavalheiros saírem fora do regimento...

Um paradoxo

A polícia apreendeu em casa do sr. Chirigo, um dos figurantes da dolorosa farça do 18 de Abril, que se encontra actualmente no Limoeiro, um número considerável de explosivos. Sobre tudo havia por lá muito material para bombas. Frizamos este facto, não porque nos movia qualquer ódio pessoal contra o sr. Chirigo, mas por acharmos bem curioso esse achado em casa dum homem que entrou numa revolução que se propunha acabar com as bombas e bombistas. De caminho fazemos votos por que o sr. Chirigo não vá para a Guiné. Estão lá muitos só por suspeita...

Um luxo...

No Governo Civil estão-se fazendo obras, Nos calabouços, que são a vergonha dum país civilizado, soturnos, anti-higiénicos, cheios de parasitas e de humidade? Não. As obras de remodelação são nos quartos

particulares, que não sendo bons, são, entretanto, comparados com os calabouços, verdadeiros palácios. Porque não se principia pelos calabouços? A razão é simples: nos quartos particulares paga-se uma diária de dez escudos, nos calabouços não; nos quartos particulares encontram-se dez vezes «escrotes» categorizados que roubam os milhares de contos, nos calabouços entram os pobres diábolos, os sem-vinte que não podem dar-se ao luxo de pagar dez escudos por dia para dormir numa enxerga.

Fugindo do calor

No domingo, em Lisboa, estoirava-se de calor. Por isso meia cidade emigrou para os arredores. Coincidia este flagelo torrido do tempo com o Senhor da Serra e a Senhora da Atalaia, de maneira que mais agradável se tornou para o lisboeta fugir da capital com a mulher, os filhos, os cestos carregados de bolos de bacalhau, a borracha do vinho e a guitarra. Só no Senhor da Serra estiveram aproximadamente sessenta mil pessoas; juntou-se-lhe a Senhora da Atalaia, as praias de Alentejo, Cruz Quebrada, Trafaria, etc. e teremos talvez umas duzentas mil pessoas nos arredores. E o pior é que o calor durante a semana continua a apertar, sem que o alfacinha possa repetir para lugares frescos e aprazíveis a sua fuga justificada.

PERSEGUIÇÕES

Na presidência da República

As famílias dos operários deportados na Guiné e em Cabo Verde foram ontem ao palácio de Belém, a fim de exporem ao presidente da República a ilegal situação daqueles, e os perigos a que estão votados se o seu regresso não for ordenado imediatamente, como é de inteira justiça.

Recebeu-as o secretário da presidência, sr. Jaime Afonso, que atenciosamente tomou conta de quanto pretendiam as famílias dos deportados tornar conhecido do presidente, prometendo comunicar-lho e interessar-se pelo próprio por que ao governo fosse dado pleno conhecimento da injustiça que se está cometendo.

Amanhã, às 13 horas, devem as famílias dos deportados reunir-se na calçada do Combro, 38-A, 2.º, para serem tratados assuntos que lhes interessam.

Secção da Charneca do S. U. da C. Civil

Reuniu-se em assembleia geral, em 28 do passado mês, tendo protestado contra as prisões de operários, há mais de 80 dias sem culpa formada, contra os espancamentos e as deportações ilegalmente feitas, reclamando o imediato regresso à metrópole dos deportados.

«Ainda há pena de morte em Portugal»

E' amanhã, pelas 21 horas, que o dr. sr. Mário Monteiro realiza a sua conferência subordinada a este tema.

A comissão Pró-Prisões da Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa, que a promove, convida o operariado em geral a assistir.

Secção de Esmaltagem do S. U. Metalúrgico do Porto

Em assembleia magna desta secção profissional foi aprovada uma moção com as seguintes resoluções:

- 1.º — Manifestar a sua carinhosa simpatia e solidariedade para com os deportados;
- 2.º — Dar a sua franca adesão a todos os movimentos que a organização operária promova a favor do regresso e libertação dos presos sociais;
- 3.º — Saudar o órgão *A Batalha* pela nobre e altruista campanha que sempre tem feito a favor dos deportados.

Os militantes revolucionários em França lutam contra a infame guerra de Marrocos

Tem sido notável em França a actividade dos militantes revolucionários contra a guerra de Marrocos. Já na imprensa, já na tribuna, os ataques ao imperialismo francês sucedem-se. A acção junto do exército tem sido formidável, por isso também as perseguições têm sido grandes. Constantemente publicamos telegramas dando notícia da prisão de militantes revolucionários, alguns deles categorizados por protestarem contra a guerra de Marrocos.

No princípio da sangrenta campanha marroquina, o partido comunista agrupou em volta de si num comité de acção as organizações que lhe são fieis, com o fim bem definido de sustentar Abd-el-Krim.

Porém, algumas organizações, considerando que sustentar Abd-el-Krim não é fazer campanha anti-militarista agruparam-se à parte. Nenhum ditador, quer guerreie por um trono, quer pela presidência duma república é digno do apoio dos revolucionários.

As agremiações revolucionárias que vêm lutando denodadamente contra a guerra em harmonia com os princípios anti-militaristas são: o (Sindicato Unico da Construção Civil, União Anarquista, Federação da Construção Civil, Juventude Anarquista, Liga dos Refractários, Sindicato dos Terraplanadores. Grupo das Edições Anarquistas, bem como diversos grupos italianos e espanhóis. Estas agremiações constituíram um Comité de Acção Revolucionária, não com a ideia de prejudicar o comité comunista, nem de dividir perante a guerra a classe operária, mas para, ao seu lado, declarar aos trabalhadores que, adversários da guerra, não podem sustentar nenhum dos beligerantes.

O Comité de Acção Revolucionária já realizou algumas sessões públicas, distribuiu impressos, estando alguns dos seus membros (presos, como Hoche Murant, Filliol e Michel.

A pesar disso o Comité continua a sua campanha, chamando a atenção do povo para os assassinos cometidos em Marrocos e fazendo-lhe ver que só a voz dos explorados poderá fazer recuar o monstro guerreiro.

A atitude da Federação Marítima perante a C. G. T.

Acompanhada do pedido de publicação recebemos a seguinte carta que passamos a reproduzir:

Camarada redactor. — Tendo acompanhado pelo jornal *A Batalha* e pelo *Marítimo*, órgão da Federação Marítima, a resolução tomada por esta última contra a C. G. T., não podia deixar como marítimo sindicalizado de comentar a atitude de alguns militantes.

O procedimento do presidente do meu sindicato é abominável. No dia 30 de Julho p. p. numa assembleia geral dos frigateiros foi apresentada uma proposta da autoria de Henrique de Paula para que o presidente da representação do meu organismo na Federação Marítima. Este escusou-se insistentemente a aceitar o cargo, sendo então nomeados delegados Tertuliano Bentes Robalo e João Hungria mais tarde substituído por Manuel Pereira Ramilo.

Não podia ficar silencioso ao ter conhecimento de que Dias Tavares no dia em que iam ser cortadas relações com a C. G. T. foi chamado pelo telefone para comparecer na Federação Marítima. E lá compareceu só para ter o prazer de fazer um ataque cerrado à C. G. T.

O último número do *Marítimo* trazia um artigo do Tavares, no qual afirmava que a sua classe lhe dera plenos poderes para resolver a atitude a tomar sobre a C. G. T., visto as assembleias gerais realizadas o habilitarem a pronunciar-se nesse sentido.

Ora em nenhuma das assembleias realizadas se tomou qualquer deliberação que autorizasse Tavares a falar como falou e a proceder como procedeu. Até hoje o presidente ainda não teve a onridade de convocar uma assembleia geral para expor as razões por que se deu o rompimento com a Setúbal operária.

Tavares decretou já não se recorda de, em Março de 1924, ter feito a apologia da C. G. T. induzindo a classe a dar-lhe a sua adesão, afirmando que em caso contrário renunciaria ao cargo.

Provavelmente já não se recorda que, quando devido à sua irreductibilidade o Sindicato dos Frigateiros foi irradiado da Federação Marítima, foi a C. G. T. quem serviu de mediadora para arrumar essa questão com honra para ambas as partes em 18 de Outubro de 1924, um dia antes do Congresso Marítimo. Dessa vez concordou com a acção dos que pontificavam na C. G. T.

Ouvi muitas vezes, depois disso, dizer ao Tavares que os elementos da C. G. T. são *menores* que vivem à custa dos sindicatos, o que não é verdade. E ao dizer isso esquece-se que está a ganhar dinheiro por conta dum organismo composto por 2.200 trabalhadores.

José Maria de Oliveira Possante (frigateiro sindicalizado)

Como a «senhora» Companhia das Lezírias paga aos sinistrados. História elucidativa dum rapaz que ficou com um pé esmagado

Já temos em nosso poder o requerimento em que o sinistrado António Henriques Serrador, de 21 anos, de Samora, pede que se lhe arbitre uma pensão por ter perdido o pé direito em serviço da Companhia das Lezírias do Tejo e Sado, há mais de 6 anos, e cujo trabalho os magnates do colosso queriam ir aproveitando mediante a irrisória importância diária de 3\$60, dinheiro que mal chega hoje para o pão diário, quanto mais para o sustento de um rapaz na força da vida.

Nesse requerimento, de uma simplicidade manifesta, apresenta-se o facto verdadeiramente testemunhado; e a sua plena prova documental existe no hospital de São José, de Lisboa, onde o sinistrado esteve internado 4 meses e 6 dias por conta da *senhora* companhia, que, diga-se de passagem, foi neste caso mais generosa, mais humana do que a sua dilecta filha, a *Samorense*, que nem ao menos o tratamento quiz pagar ao infeliz João Felix da Costa.

Haverá algum tribunal onde possa impugnar-se a justiça do pedido?

Nenhum, por certo, sejam quais forem as influências postas ao serviço do colosso e dos seus coízes.

Há um rapaz a quem falta o pé direito. Toda a gente sabe, em Samora, que o desastre se deu em serviço da Companhia das Lezírias e em terrenos da freguesia de Samora.

Ninguém aqui ignora que o sinistrado foi internado no hospital por intermédio da Companhia que lhe pagou o tratamento e o aparelho de que hoje se serve para andar. E' público e notório que, na ocasião do desastre encheram o rapaz de promessas para que ele se calasse, chegando a prometer-lhe que o internariam num colégio onde estudaria para obter uma situação melhor. E destas promessas, tantas vezes repetidas nasceram em muitos a convicção de que fora por o António Henriques Serrador uma verdadeira felicidade o ter perdido um pé ao serviço do potentado.

Mas, de promessas está o inferno cheio; e não é com promessas que se paga à mercadoria, ao sapateiro, ao alfaiate e os sinistrados também precisam de comer, de calçar e de vestir.

Já se propala, cá pela terra, e com o fim bem manifesto de salvar a Companhia e arrefecer os ânimos que vão acordando, que — para se ter direito à pensão pelo sinistro — é preciso requerê-la imediatamente ao desastre; de contrário é tempo perdido.

E' doutrina nova que não aceitaremos, continuando a dizer aos que os colossos inutilizaram que, se não requererem em tempo para os tribunais competentes, em virtude de estarem a ser redondamente intrujados pelos mandos dos dois potentados, requeirarem ainda, porque estão sempre a tempo de o fazer, deduzindo ainda dessa demora a vontade que tem animado sempre a Companhia das Lezírias e a *Samorense* de cabriolarem sobre as suas vítimas e escarnecerem dos seus mais sagrados direitos.

Sabemos muito bem que é tática antiga dos potentados comularem de promessas e boas palavras os desgraçados que um dia

perderam a saúde e as famílias dos que perderam a vida ao seu serviço, para, passados tempos, se desenvencilharem deles com a maior sem-cerimónia, pouco se importando com o futuro dos que desgraçaram.

E' que eles contam com a benevolência dos tribunais e com a interminável chicana dos advogados, a quem podem pagar anos e anos; e chegam a ter o desafio de dizer às suas vítimas:

— Olha: vai queixar-te à justiça! De mais conhecem eles parte da justiça da vossa terra, para que nela tenham a mais absoluta confiança.

Arrotam de cheios, porque vêm que nesta República podem impunemente continuar o seu rosário de iniquidades como no tempo da monarquia; mas estão muito enganados. Nem sempre as tais chamadas *forças vivas* hão-de estar a cavalo nos governos conservadores e ultra-burgueses que têm levado isto ao estado em que se encontra. Um dia virá, e não muito longe, que os grandes potentados hão-de ruir estrondosamente à força da pesada alavanca que é a união do operariado. E então os trabalhadores, libertos da grilheta que os tiranetes de hoje lhes chumbaram à perna e à consciência, poderão respirar um pouco de ar mais puro e olhar com mais confiança esse tenebroso mistério que é o futuro de todos nós os que mourejamos no dia a dia.

Ainda hoje um empregado de um colosso nos contou que, estando há anos a trabalhar na Companhia, precisou de uns dias de licença para ir visitar os seus; e, dirigindo-se respectivamente ao administrador ou gerente, ou coisa que o valha, pediu para o dispensar uns 3 dias ao menos:

— Três dias? Para que queres tu três dias de licença?

— Ora... queria ir ver os meus que estão longe e há muito que os não vejo.

— Mas tu ainda há dias me pediste mais ordenado, porque não te chega o que ganhavas.

— Não me chega, não; e, sabe-o toda a gente, bastantes sacrifícios fiz para ajudar uns tostões para a viagem.

— Não posso compreender como pode passar quem ganha o que tu ganhavas.

— Bem sei; mas por que o senhor sabe quanto ganha, não deveria admirar-se de que eu viva com dificuldades.

E, por entre sorrisos e frases irónicas, despediu o homem, concedendo-lhe a regalia pedida — três dias de licença, depois de muitos anos de trabalho!

E eu tenho quasi a certeza de que este magnate teve a noite povoada de visões e pesadelos, por ter feito uma generosidade daquelas, sem ordem expressa dos donos que estão em Lisboa.

Mas, a pesar de todas as humilhações que os fazem passar, os empregados dos colossos não se resolverão por enquanto a levantar cabeça e dizer bem alto a célebre frase do *Palito-Métrico*:

— Nós quoque gens sumus!

— Nós também somos gente!

Serra FRAZÃO

As perseguições em Olhão

Desfazendo as calunias asserções do «Seculo»

Acêrca da fantástica notícia do *Seculo* sobre as prisões efectuadas em Olhão, recebemos de Manuel Teodoro a cópia da seguinte carta, enviada a aquele jornal e que foi provavelmente parar ao cesto dos papéis:

«Publico o *Seculo* de 29 do corrente uma notícia, referente às prisões efectuadas nesta vila, que não corresponde à verdade, motivo por que peço que seja feita uma rectificação.

Nessa notícia afirma-se que estavam planeados varios atentados pessoais com emprego de explosivos e que os principais elementos que os preparavam eram, João Pereira Neto, Virgílio Tavares Vagil, José Maria Canôa e Manuel Teodoro, agitados da classe dos soldados.

Em primeiro lugar devo dizer-lhe que não sou soldado mas carpinteiro e que fui preso em Quarteira, onde há seis meses me encontro a trabalhar.

Nunca fui dinamitista. Essa acusação é uma calúnia que de nenhum modo pode ser comprovada. A acusação de agitador é absurda, tendo tido esta origem que passo a explicar:

Quando fui interrogado declarei ao agente que dava à organização operária a actividade que as horas de trabalho na minha profissão me deixavam. O agente escreveu no auto que eu declarara «ser agitador da sua classe».

Fiz-lhe sentir que o termo de agitador era impróprio mas o agente disse-me que não valia a pena fazer emenda, porque se tratava duma simples formalidade. Tudo aquilo já me estava causando náuseas, e como quem não deve não teme, assinei o auto. Aquem tem toda a simplicidade, o fragil alcece sobre que assenta a acusação de agitador perigoso feita no seu jornal.

Também não é verdade, como se diz na sua notícia, que eu e os outros operários que também foram presos, tivéssemos seguido para Lisboa pois nunca saímos desta vila. Menos ainda é verdadeiro que uma comissão de operários tenha pedido a intervenção dos industriais.

Esperando que não me seja negada a publicação desta carta que restabelece a verdade dos factos sou de v. etc. — Manuel Teodoro.

Um gesto torpe dum espião da policia

Encontra-se preso, há 88 dias, sem culpa formada um operário vítima duma repugnante cilada

Com a devida vénia, transcrevemos do «Mundo» integralmente, este protesto dum operário que há cerca de 88 dias, se encontra preso sem culpa formada:

«Recebemos uma carta de Severiano Faria Coelho, preso há 88 dias no governo civil, na qual relata uma cilada de que foi vítima. Um indivíduo conhecido pela alcunha de *Pencudo*, antigo operário, hoje ao serviço da policia, encontrando-o à porta de uma officina, entabulou larga conversação e, ao despedir-se, pediu-lhe que guardasse um embrulho de que era portador, prometendo que iria buscá-lo à hora do jantar. Severiano Faria foi guardá-lo junto do seu lugar de trabalho. Momentos depois, o Severiano foi preso por indicação do tal *Pencudo*, que se dizia operário. Depois de varios percursos do governo civil para a esquadra do Caminho Novo, sem o interrogarem, formularam-lhe a acusação de ser detentor de uma bomba, que outra coisa não continha o embrulho. Compreendi o Severiano que tinha sido vítima de uma armadilha e negou a acusação, relatando o que se passara com o *Pencudo*. Este indivíduo, porém, engendrou uma falsa história, que o Severiano foi obrigado a confirmar depois de suportar, varias vezes, brutais espancamentos.

A comprovar as agressões de que foi vítima, o Severiano aponta o testemunho do médico assistente que o tratou de ferimentos varios durante oito dias, e do chefe da esquadra do Caminho Novo, que verberou a cruel selvajaria. Como não fosse possível fundamentar a primeira acusação, foi então acusado, com outros, de premeditar um atentado contra alguns vultos politicos, que o Severiano nunca conheceu. E assim se encontra este operário preso há cerca de três meses, sem culpa formada, sofrendo a tortura moral de não poder dispensar a necessária assistência a sua esposa e a três filhinhos, um deles ainda na idade de amamentação. O Severiano Faria nega terminantemente que tenha feito parte da *Legião Vermelha*, cuja existência desconhece, visto que nunca participou de qualquer acto de organismos operários e nem sequer está filiado no seu sindicato profissional. O preso reclama um interrogatorio imparcial, em acareação com o policia *Pencudo*, para que possa demonstrar a sua inocência. O que não é justo nem humano, é que se conserve preso um homem, durante 88 dias, sem se averiguar até que ponto são verdadeiras as acusações que lhe fez um policia emboscado.

Na Penitenciária de Coimbra

E' horroroso o regime prisional imposto aos condenados

COIMBRA, 30.—O que se passa na Penitenciária de Coimbra, é tudo quanto há de mais revoltante e desumano.

Entre muitos factos a inumerar, que chamam a atenção dos poderes públicos, passamos a resumir os que se nos afiguram mais graves.

A Penitenciária de Coimbra, que, até 1923, esteve dada por incapaz de receber condenados a prisão maior, recebendo apenas presos em prisão preventiva e correcção, porque a sua insalubridade, falta de higiene e condições, não se adequavam ao moderno regime prisional, foi, ultimamente, não sabendo porque carga de água, dada apta para ali receber condenados a prisão maior, por decreto do então ministro da Justiça, dr. Abranches Ferrão.

Não é difícil adivinhar, as razões que determinaram a publicação deste decreto, basta que se diga, que, em 1923, um Tribunal foi constituído apenas para absolver os principais responsáveis dos acontecimentos do 19 de Outubro, condenando-se meia dúzia de infelizes, porque era necessário, segundo o próprio tribunal declarou, dar uma satisfação ao país e às famílias das vítimas.

Sendo presidente do Ministério o sr. António Maria da Silva, tratou-se de reunir o Conselho de Ministros, para resolver o destino a dar aos condenados.

O decreto que mandou abrir a Penitenciária de Coimbra, determina que, temporariamente e a título provisório, a cadeia da Penitenciária de Coimbra, que então funcionava como casa correcção de trabalho, seja destinada a receber os presos condenados a prisão maior tornando-se extensivas todas as leis e regulamentos disciplinares em vigor para a Cadeia Nacional de Lisboa. A verdade é que na Penitenciária de Coimbra, não se cumprem as leis, visto que aos desgraçados ali internados só falta pôr a máscara no rosto, para se voltar ao antigo regime. Ocorre-nos dizer que este facto não é muito de estranhar, porquanto o director daquela prisão, dr. sr. Miranda, e seus apañiguados, Amaro Bento, Tringueiros João Gaudêncio e outros, são os mesmos de outros tempos.

Estes cavalheiros, não esquecendo a sua profissão dos tempos antigos, adoptaram processos condenáveis para com os infelizes, que, manietados pela rigorosa disciplina não podem defender-se. A cadeia, é um foco de infecção onde lava com grande intensidade a tuberculose, devido a não haver uma enfermaria para o tratamento conveniente dos pobres doentes, não se isolando aqueles que em grau bastante adiantado de doença, facilmente a propagam aqueles que ainda têm alguma saúde. Vai ali um médico, apenas por dever de officio, mas pouco zeloso no cumprimento da sua missão.

Há um enfermeiro, que sabe alguma coisa do seu officio, e é impotente para satisfazer tantas exigências, não tendo medicamentos para acudir aos enfermos. Tem, como seus ajudantes, dois reclusos, um deles dado pelo próprio médico como tuberculoso em último grau, e o outro é um pobre analfabeto, que toda a sua vida foi apenas guarda-cabras.

Terminamos hoje por aqui, não deixando de indicar aqueles que tenham muita vontade de morrer que vão estar alguns dias na Penitenciária de Coimbra, escutando, pois, de se utilizar de qualquer outro instrumento de morte. — Um camareiro leitor.

EM SINTRA

Comerciante caloteiro

Sob este título publicámos há dias uma correspondência de Sintra, em que o sr. Manuel Pereira Pinto era acusado de não ter pago, a um descarregador chamado Sousa, uns salários que lhe devia.

Desse senhor recebemos agora uma carta em que nos diz não ser isso verdade, pois que nada deve ao citado descarregador.

O sonho dos nacionalistas alemães

VIENA, 31.—O comício a favor da União da Áustria à Alemanha obteve um mediocre êxito, pois apenas 3.000 pessoas ouviram o discurso de Loebe, presidente do Reichstag, e que veio especialmente de Berlim, convidado a tomar parte na campanha dos nacionalistas alemães.

Fracasso a feira de Leipzig

BERLIM, 31.—Os viajantes que regressam de Leipzig anunciam que a feira do Outono constitue um fracasso quasi completo.

E' muito diminuto o número de estrangeiros que a têm visitado e a cifra dos negócios realizados não deve ultrapassar um modesto nível, em consequência da crise económica mundial.

O Congresso Reformista em França

PARIS, 31.—O congresso da C. G. T. regeitou uma proposta para que, numa reunião mista, se discutisse as possibilidades de uma fusão com os comunistas.

ACREDITA:

A frequência geral, o tuberculose, a anemia, o excesso de fadiga, o enfraquecimento orgânico são têm um inimigo poderoso

A NUCLEO CALCINA

TÔNICO ENERGICO E SCIENTIFICO

Usado por milhares de pessoas nos primeiros médicos

Superior a todas as outras preparações estranhas

LABORATORIO DA FARMACIA SARMATICA

Draco dos Restauradores, 15 LISBOA

A cura das doenças pelas Plantas

3.ª edição — Preço 2500, pelo correio 2550

Devidos a administração de A BATALHA

Uma perseguição injusta

Em Palma de Cima pretendem-se linchar uma mulher por um motivo infundado

Há pouco morreu o operário da construção civil, José Fernandes Figueiredo, que morava na travessa de Palma de Cima, 8, deixando viúva e dois filhos; um desta última e outro com 14 anos chamado José, de uma mulher com quem antes vivera, e que já morreu, com a qual viera casado do Brasil, de onde o rapaz, como os pais, é natural.

O José, que já quando o pai era vivo, andava a trabalhar como aprendiz de pintor, era avesso ao trabalho, depois da sua morte, deixou por completo de trabalhar.

A madrasta, que ficou totalmente desprovida de recursos, não tendo possibilidade de manter-se e aos rapazes, apouquentou-se com o facto e foi aconselhá-lo.

A pessoa com quem se consultou deu-lhe de conselho — visto que o José é estrangeiro, não sendo filho dela e devendo ter família no Brasil — que se entendesse com o cônsul daquele país.

Assim fez a viúva de José Fernandes Figueiredo.

Como o consul do Brasil não atendeu voltou a procurar a pessoa que a tinha aconselhado. Esta, comunicou o caso para o governo civil de onde saiu ordem de captura para o José, o qual está presenteemente detido para ser entregue às autoridades brasileiras.

Porém, em Palma espalhou-se o boato de que a viúva do Figueiredo mandara prender o rapaz, acusando-o de furto, o que não é verdade, porquanto só as dificuldades da sua vida a forçaram a reenviar para a sua verdadeira família um indivíduo que lhe era um empecilho.

Mas o boato não se compadeceu da sua situação, e as mulheres do sítio, supondo que ela acusara realmente o rapaz de furto, fizeram-lhe uma impiedosa montaria, chegando mesmo a agarrá-la e cometer contra ela várias tropelias, pouco faltando para a lincharem.

A tal ponto chegou tão injustificada suspeição que a viúva do Figueiredo não pôde reentrar em sua casa.

Como lamentável resultado daquele falso boato acontece que muitas pessoas, que tentavam auxiliá-la num benefício que era promovido para seu marido, e por morte deste passou justamente a ser-lhe destinado, desistiram de prestar-lhe o auxílio de que tanto carece e que ainda não desmereceu.

Mas é de esperar que a atmosfera de hostilidade que contra ela se formou, depressa se desfaga e a verdade se restabeleça.

Atropelamentos

No banco do hospital de São José, recebeu curativo e foi para casa, Aniceto Daniel, de 45 anos, residente na Ascensão Grande, ao Lumiar, que, perto da residência, foi atropelado por uma bicicleta, ficando com a clavícula esquerda fracturada.

Na sala de observações do hospital de São José, deu entrada em estado grave, João de Jesus, de 8 anos, filho de pais incógnitos, natural de São José, rua Vasco da Gama, 51, cave, que foi atropelado pelo automóvel S. 2365 na rua Vitorino Damásio, ficando muito ferido na cabeça e com várias escoriações e contusões pelo corpo.

Novidades literárias

CAVALGADA DO SONHO

E TERRAS DE FOGO

— DE —

Juliano Quintinilha

2.ª Edição — Escudos \$300

A venda em todas as livrarias. — Pedidos à secção de Livraria de A Batalha

COMEÇA HOJE

no Arsenal da Marinha

o julgamento dos implicados no

movimento de 18 de abril

Comença hoje o julgamento dos oficiais, sargentos e civis que tomaram parte no movimento revolucionário de 18 de Abril.

O julgamento efectua-se na sala do Risco do Arsenal da Marinha, onde respondem 66 oficiais, 57 sargentos e 41 civis. Depois como testemunhas, 300 pessoas, entre elas grande número de generais, antigos ministros, chefes de vários partidos políticos, etc.

Preside ao julgamento o general Ilharco. Desempenha as funções de promotor de justiça o general Carmona.

Para oficiais, há uma fila de cadeiras, para sargentos e civis, um comprido banco, para testemunhas que sejam oficiais, outra fila de cadeiras. Depois, para trazer segues-se uma extensa fila de bancos, reservados ao público que deseje assistir às sessões.

A sala tem lugar para mil e quinhentas pessoas. A entrada, excepção aos jurados, imprensa e membros do tribunal, é feita pela porta da sala do Risco, e para o público, pelo portão do Arsenal. A guarda de honra ao tribunal é feita por 90 praças da guarda republicana sob o comando dum capitão.

Em frente, sob um estrado, duas secretarias, sendo uma para o presidente do tribunal e outra para o juiz dr. sr. Almeida Ribeiro. A direita, uma secretaria para o promotor, seguindo-se depois três secretarias para os defensores, sr. major Tamenini Barbosa e capitão Cunha Leal e defensor officioso; à esquerda, um estrado com compridas mesas para os jurados, seguindo-se outra destinada aos representantes da imprensa.

Mais uma mina de petróleo

PARIS, 31.—Pesquisas feitas por conta do Estado, descobriram na região de Gabiau Herault novos jazigos de petróleo. Numa hora foram extraídas duas toneladas.

TEATRO APOLO

Empresaria Luis Ruas, Limit.

HOJE, 1

o sensacional drama

O Conde de Monte Cristo

Nos principais papeis: Ilda Stichini e Rafael Marques

O estado lastimoso das estradas

Realizaram-se no domingo dois importantes comícios na Lourinhã e no Bombarral

No Bombarral e na Lourinhã realizaram-se no domingo passado dois comícios muito concorridos para tratar da reparação das estradas daquele concelho que encontram num estado lastimoso.

No comício do Bombarral foi aprovado um relatório que tinha as seguintes conclusões.

1.ª. Entregar a reparação das estradas às Camaras Municipais;

2.ª. A dotação deve ser feita pelos concelhos e entregues as verbas aos municípios;

3.ª. Deve ser entregue anualmente às Camaras Municipais o rendimento do imposto de Viagem e Turismo em cada concelho;

4.ª. Deve ser posto à disposição das mesmas Camaras o pessoal técnico e especializado e todo o material que se relacione com estradas;

5.ª. Deve ser executado o que se requiere com a menor perda de tempo;

6.ª. Deve nomear-se uma comissão para effectivar estas e outras resoluções tomadas neste comício e composta pelos srs. presidentes da Câmara Municipal do Bombarral, Associação Commercial do Bombarral, Sindicato Agrícola do Bombarral, Caixa de Crédito Agrícola do Bombarral, Associação dos Bombeiros Voluntários do Bombarral, Sport Club Escola Bombarralense, Centro João Chagas e presidentes de todas as juntas de freguesia do concelho.

Outro comício na Lourinhã

Na Lourinhã, também a fim de reclamar providências para o mau estado em que as estradas se encontram, pois ameaçam tornar-se intransitáveis no próximo inverno, realizou-se um concorridíssimo comício.

Foi enviado o seguinte telegrama ao ministro do Commercio:

«O povo do concelho da Lourinhã, reunido em comício, reconhecendo o interesse que V. Ex.ª sempre tem tomado por todos os assuntos de ordem económica, lamenta, profundamente desgostoso, a situação, sem semelhança em qualquer tempo, a que deixaram chegar todas as suas estradas, ameaçadas todas de se tornarem absolutamente intransitáveis no próximo inverno, e reclama as necessárias e rápidas providências para que não se dê tal desastre, cujas graves consequências facilmente por todos devem ser reconhecidas».

Aprovou-se também por unanimidade uma proposta do seguinte teor:

«Propoño que se nomeie uma comissão podendo agregar a si os elementos que julgue necessários para tratar, junto dos poderes públicos, de conseguir os fundos necessários destinados a reparação das estradas mais importantes e, em especial, a mais utilizada para a drenagem dos produtos do concelho para a via férrea. Que esta comissão em comício publico dê conta dos seus trabalhos. Que se convide a imprensa da capital a que visite as mesmas estradas por ocasião do referido comício. Que, nada se conseguindo pelas «demarches» que vão empregar-se, façamos, dentro do concelho, a propaganda para candidatos das próximas eleições dos cidadãos que ofereçam, pelos compromissos que tomem junto do electorado, suficientes garantias para que, no Parlamento, tomem o devido interesse pelo que respeita não só às estradas da Lourinhã, mas a todos os assuntos que se relacionem com o seu desenvolvimento económico agrícola».

LEIAM HOJE NA

RENOVAÇÃO

Saint-Basilemy, com gravura.

As mais antigas ruínas do mundo, com gravuras.

O progresso do feminismo, com gravuras.

O 176.º aniversário do nascimento de Goethe, com gravuras.

Os jardins públicos, com gravuras.

O Seneador, com ilustrações de Stuart Carvalhal.

As duas faces da revolução, por Adolfo de Moraes, com ilustrações de Rocha Vieira.

Actualidades: — O Congresso Internacional socialista — Máximo Gorki.

As pequenas descobertas práticas, com gravuras.

O Mundo curioso, com gravuras.

As vítimas do alcool

Um alcoolico criva a esposa de facadas e fere-se a si próprio com dez

Ma rua de Arroios, 152, 1.ª, reside Salvador Pinto, de 47 anos, natural de Arganil, moço de fretes, com sua mulher Maria Pereira dos Santos, de 44 anos, natural de Angeja, os quais de há muito se não dão bem, tendo aquele por habito embriagar-se, tendo já por vezes agredido a mulher. Ontem de madrugada, novamente se desaviam quando já se encontravam deitados, vibrando o Salvador mais de vinte facadas na Maria que a atingiram no rosto, pescoço, mãos e braços. Em seguida o Salvador esfaqueou-se a si próprio com umas 10 facadas no rosto, pescoço e ventre. Ao gritos da ferida acudiu a policia que num auto da Cruz Vermelha, fez transportar os dois ao Hospital de São José, onde foram pensados no Banco, recolhendo ambos ao Hospital do Desterro, a primeira à enfermaria n.º 4 e o segundo à enfermaria n.º 2, onde ficou sob prisão.

Pela vida humana

Recebemos da Liga dos Radio-telegrafistas da Marinha Mercante a seguinte nota:

«Foi ontem entregue ao director dos serviços radio-telegráficos uma representação na qual as classes marítimas de longo curso pedem que seja posto em execução o regulamento dos serviços radio-telegráficos decretado em 6 de setembro de 1924, cujas determinações, até hoje, com grave prejuizo para a segurança das vidas de tripulantes, passageiros e cargas nos navios da marinha mercante, não têm sido executadas».

A "boicotage" aos navios britânicos

PEQUIM, 31.—O governo de Cantão desmente agora ter aprovado a «boicotage» aos navios britânicos.

CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

Corticeiros de Setúbal

SETUBAL, 28.—Reuniu-se em assembleia magna a classe dos corticeiros desta cidade para apreciar um officio da Federação Corticeira comunicando a intenção dos industriais de baixarem os salários.

Vários corticeiros usaram da palavra para repeller indignadamente tal pretensão, não que a assembleia os apoiasse, resolvendo-se não permitir qualquer redução nos salários e aguardar o que a Federação Corticeira determinasse de harmonia com as indicações da classe. — E.

No concelho de Cascais a crise toma um grave aspecto

TIRES, 31.—Dia a dia se vai acentuando mais a crise de trabalho na construção civil em virtude de terem terminado as obras em construções nos Estoril e em Cascais, assim como o da linha da Sociedade Esportiva, que tem despedido grande número de operários que ali trabalhavam.

Prevê-se uma crise assustadora para o inverno que se avizinha, pois raras são as obras que iniciam a sua construção.

E' de lamentar que alguns operários que têm trabalho se esqueçam dos que o não têm, pois que os há trabalhando aos domingos e fazendo horas extraordinárias, o que no presente momento é um crime. — C.

Metalúrgicos do Porto

Na indústria de esmaltagem

Reuniram-se em assembleia magna os componentes da Secção profissional de Esmaltagem do S. U. Metalúrgico do Porto, com grande concorrência de operários de ambos os sexos, que se encontram sem ter onde empregar a sua actividade mercê dum «truc» preparado pelos industriais de esmaltagem, que atiraram para a miséria algumas centenas de operários fechando as fabricas com a alegação de que o trabalho escasseia.

Ao mesmo tempo o governador civil do Porto passa licenças a outros industriais do mesmo ramo — e de outros — para que os seus escravos possam trabalhar duas horas suplementares, talvez a pretexto de falta de braços.

Os sapateiros de Baja resolvem opôr-se a uma descaída baixa de salários

BEJA, 28.—Desde há muito que a classe dos sapateiros desta cidade vem sofrendo uma insupportável crise de trabalho, crise que a prolongar-se, como tudo indica, trará amargos dias para os operários daquela industria, muitos dos quais já lutam com sérias dificuldades.

Como se isto não bastasse dois sócios de uma empresa pretendem reduzir o salário ao pessoal da mesma.

Para apreciar o facto reuniu-se a assembleia geral dos operários sapateiros anteontem.

Abriu a sessão João Ramos condemnando a attitude dos industriais aludidos, Constantino Bernardo Palma e João Mota, pois nada justifica uma redução em salários que já são sapateiros.

Manuel Costa, da comissão de melhoramentos, disse ter esta entrevistado os srs. Constantino e Mota, para os demover da sua intenção, tendo o primeiro ameaçado com o encerramento da officina se os operários persistissem em manter os actuaes salários, e respondendo o outro que lhe era difícil mudar de opinião sobre o assunto.

Aconselhou os operários a responderem com altivez à irreductibilidade dos industriais.

Falaram ainda sobre o assunto José da Graça, Artur Modesto e António Monteiro. Foram aprovadas uma moção, por unanimidade, pela qual a classe resolve lutar por manter os actuaes salários, e uma proposta para que a comissão de melhoramentos communicasse essa resolução aos industriais.

Resolveu-se mais fazer sentir aos distribuidores de trabalho que a distribuição deve ser mais equitativa.

A comissão de melhoramentos tomou nota de três desempregados para lhes procurar trabalho, passando-se depois à discussão de outro assunto. — E.

Corticeiros de Almada

Reuniu-se a classe corticeira de Almada para apreciar uma circular da respectiva federação, communicando a redução que os industriais pretendem fazer aos salários.

Depois de vários operários emitirem a opinião de que a situação do operariado não é de molde a consentir em tal baixa aprovou-se uma proposta dando à Federação Corticeira plenos poderes para tratar o assunto a bem dos interesses gerais da classe.

BOATO DE REVOLUÇÃO

Voltou esta madrugada a correr o boato duma revolução conservadora. Por enquanto nada de anormal se registou a não ser as costumadas prevenções que... já se tornaram normais.

A greve dos empregados bancários

PARIS, 31.—Nos vários Bancos assinala-se o regresso de numerosos grevistas, parecendo estar próximo o fim do conflito.

Afunda-se um barco

perecendo 20 pessoas

PERPIGNAN, 31.—Um barco de pesca que durante a noite regressava duma festa local em Banyula, afundou-se em consequência do muito mar.

Vinte passageiros morreram afogados, tendo-se apenas salvo um rapaz.

Greve mineira

NEW YORK, 31.—Começou ontem a greve dos mineiros de antracite.

JÁ SAIU A 7.ª SERIE

DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas \$500.

A obra mais barata que no género se publica

A guerra de Marrocos

A ofensiva dos franceses

FEZ, 31.—As tropas francesas occuparam vários pontos estratégicos na região de Kra Krar sem disparar um tiro. Todo o extremo norte de Brames foi também occupado. As tribus daquela região fizeram propostas de submissão.

Os rifenhos preparam uma ofensiva?

RABAT, 31.—No centro da frente de batalha houve calma durante o dia. A oeste o inimigo mostrou-se muito activo. Na região de Chelchud o movimento dos rifenhos denuncia uma próxima ofensiva.

Há muitos feridos franceses

TANGER, 31.—Continuam a embarcar com destino a Marselha grande numero de feridos franceses. Sairam já com destino a esse porto dois navios levando mais de 600 feridos, entre officiaes, sargentos e soldados franceses.

DESASTRES

Caído duma bicicleta

Na enfermaria 3 do hospital de Arroios deu ontem entrada Albano Marques Antunes Barata, 27 anos, 2.º condutor de máquinas, residente na Quinta dos Aciprestes, em Linda-a-Velha, e que, como noticiámos, caiu duma bicicleta nas corréias que anteontem se realizaram nas festas da Senhora da Rocha em Carnaxide, ficando ferido na cabeça e com fractura duma perna.

Colhido por uma cancela

Depois de pensado no posto da Cruz Vermelha do Calvário recolheu à enfermaria 3 do hospital de Arroios Alberto Mendes Paulo, 9 anos, rua da Cruz, a Alcântara, 29, 2.ª, e que foi colhido pelas cancelas do caminho de ferro, em Alcântara, ficando ferido nas pernas.

Sob as rodas dum comboio

Na sala de observações do Banco do Hospital de São José deu entrada Manuel António Amador, 32 anos, empregado no commercio, rua da Cruz dos Poiais, 53, 2.ª, que ao subir para o comboio na estação de Vila Franca de Xira caiu, foi colhido por uma das rodas que lhe esmagou o pé direito.

Agressões

No Banco do hospital de São José receberam curativo e recolheram a casa: José Maria do Nascimento, 39 anos, de Miranda do Corvo, empregado no commercio, residente na rua Carvalho Araújo, que na mesma rua foi agredido com uma pedrada, ficando ferido na cabeça, e Arnaldo Paulo de Oliveira, 35 anos, de Penamacor, tipógrafo, residente na rua Joaquim Bonifácio, que foi agredido na Estefânia, ficando ferido na cabeça.

OS QUE MORREM

FALECIMENTOS

Na enfermaria de S. Francisco do Hospital de S. José, faleceu ontem Arnaldo Bispo, de 21 anos, natural de Sever do Vouga residente nas Barracas da Companhia União Fabril, no Barreiro e que, como noticiámos, foi agredido com um ferro na mesma vila, no dia 20 ultimo.

Na Sala de Observações do Banco do Hospital de S. José, faleceu ontem de manhã, Francisco de Matos, residente em Povos, Vila Franca de Xira, que, como noticiámos, foi colhido por um touro que se estramalhara quando o gado se dirigia para a praça daquela vila.

Faleceu Ramiro de Sousa Mota, empregado no commercio, sobrinho de Manuel Tavares, torneiro em madeira, tendo-se já realizado o funeral.

AGREMIÇÕES VARIAS

Associação Portuguesa de Esperanto. — Em sua reunião ficou resolvida a breve publicação duma revista.

Secção Telegráfica

C. G. T.

M. J. Sousa. — Convém da Funcheira seguirem a Cercal e dali a Sines, onde te esperam no dia 8.

Alguns aspectos dos problemas económicos e sindicais da Rússia Soviética

Propositadamente, quer na imprensa russa, quer na imprensa burguesa, tem-se deturpado a crítica que por vezes fazemos ao que na Rússia se passa, dando-se a impressão de que somos contra a revolução que se produziu no país dos soviets. Porque vibrámos quando em Outubro de 1917 o povo russo, num gesto ciclópico, quebrou a ferrea opressão secular dos tsars,

Em novembro de 1924 realizou-se o 6.º Congresso dos sindicatos da U. R. S. S. Este revestia uma excepção importância, especialmente por se tratar em primeiro lugar da Delegação fraternal das "Trade Unions" inglesas, que ocupava os assentos de honra, seguindo-se a questão de novas directrizes que os chefes da C. G. T. russa iam dar aos sindicatos.

No seu conjunto o Congresso não fazia mais do que repetir, como um papagaio bem ensinado, a lição inculcada por um Congresso anterior—o do Partido Comunista Russo que, por sua vez, não admite oposição nem discussão.

E' nos pequenos detalhes, onde, por vezes, se descobrem os momentos característicos da verdadeira situação da classe operária russa. Hoje, aqui daremos a conhecer alguns deles.

Composição do 6.º Congresso (1)

O Congresso estava composto por 1.055 delegados, 858 dos quais tinham voto deliberativo e 197 consultivo. Esses 1.055 delegados representavam 6.367.306 membros.

Como se dá o caso de não existirem na Rússia sindicatos autónomos, nem outros mais do que os que adiram ao Conselho Central dos Sindicatos da União, e que o facto de um trabalhador não ingressar no sindicato lhe acarreta uma série grande de todo o género de vexames e medidas repressivas, de ordem económica e até política, pode considerar-se o número de 6.367.300 como cifra representativa actualidade dum total em que não só entram os trabalhadores sindicados, como também os operários e empregados das diversas instituições soviéticas e outras, sendo, deste modo, o sindicato dos empregados o mais forte, depois dos dos ferroviários, que comporta 805.200 membros e é numericamente o mais forte. Há que não esquecer, porém, que, devido à desmistificação industrial dos sindicatos, todos os empregados dos organismos soviéticos, de ordem industrial, são considerados, simultaneamente, componentes da respectiva indústria em que laboram. Desta forma não há a menor dúvida de que o número de empregados e funcionários excede um milhão, o que dá 16 0/10 a menos de toda a população operária da Rússia.

Quando apreciamos melhor a representação das massas operárias no Congresso achamos uma manifestação ainda mais interessante: Dos 1.055 delegados, 688 são presidentes de sindicatos. Em outros termos: mais de 65 0/10 dos delegados são funcionários sindicais e ocupam o lugar mais preponderante no seu sindicato. Tendo-se em conta a relativa passividade da grande massa dos presidentes dos sindicatos para se fazerem eleger delegados aos congressos.

Além dos presidentes, há um bom número de delegados entre secretários de sindicatos, presidentes de comités de fábricas, membros dos executivos locais, etc. Subdividindo os delegados em três grupos distintos, obtemos o quadro seguinte:

| Presidentes de sindicatos, presidentes de comités de fábricas, secretários de sindicatos, membros de executivos, chefes de departamentos de indústria | Delegados ambulantes, instrutores sindicais, militantes em exercício de cargos noutras organizações | Membros de sindicatos sem nenhum cargo |
|---|---|--|
| 1.001 94,8 % do total | 47 4,6 % | 7 0,6 % |

Resulta, pois, que de 1.055 delegados, só sete foram eleitos nos locais de trabalho; todos os restantes ou são funcionários ou delegados permanentes.

Quanto ao carácter político do Congresso, os números indicam expressivamente, até que extremo a garrida ditadura do proletariado tem sido apertada e estrangulada toda a possibilidade de expressão independente. Dos 1.055 delegados, 1.042 eram comunistas (98,8 %) e 13 sem-partido! O terror da tcheca tem feito táboa raze de qualquer outra ideologia que não seja a reconhecida pelo Estado bolchevista.

Cotizações e finanças

«A questão basililar do trabalho sindical—escreve M. Guéguéthkhor, em um artigo sobre finanças sindicais no 6.º Congresso dos Sindicatos Pan-russos—tem sido a cotização individual. Tendo recusado o apoio governamental, os sindicatos viram-se forçados a considerar a cotização dos seus componentes como a única fonte da sua existência».

Hoje, pela primeira vez, é-nos dado conhecer oficialmente que antes da introdução da cotização individual, os sindicatos viviam bem e à vontade do orçamento geral do Estado. Quantas vezes nós já o dissemos e quantas outras tantas os desmentidos formais—lão embusteiros como formais—nos diziam o contrário. Agora que o governo bolchevista, obrigado a seguir a vertente da N. E. P., fechou os seus cofres aos sindicatos «compreende-se a grande importância da cotização individual». «Pagando a sua cotização consciente e voluntariamente—diz-nos Guéguéthkhor (2)—o sindicato quer igualmente saber para onde vão os seus dinheiros.

Em verdade, não pode estar satisfeito com o facto, frequentemente registado nos últimos tempos, de a maior parte dos fundos sindicais serem invertidos para manutenção dos funcionários». De facto, é bem notório, que os gastos puramente burocráticos dos sindicatos—salários do pessoal permanente, papel, etc.—ultrapassam as mais das vezes metade da soma das cotizações. Não há, pois, que admirar, se os sindicatos se descontentam...

Mã administração dos fundos sindicais

O método que consiste em liquidar o que fica no cofre sindical para remuneração do inúmero pessoal existente em cada sindicato, tomou uma velocidade de proporções gigantescas.

Eis aqui algumas resenhas estatísticas recolhidas em períodos oficiais:

| Sindicato dos metais | Ano de 1924 | | |
|------------------------|-------------------------|-----------|-----------|
| | Depreções por trimestre | 2.º trim. | 3.º trim. |
| Soma total por comités | (Rublos ouro) | | |
| Regionais | 240 | 2.262,39 | 5.514,51 |
| Leninegrado. | 1.072,43 | 553,55 | 7.757,98 |
| Moscóvia | — | 3.049,41 | 3.364,75 |
| Total | 1.312,42 | 5.865,35 | 16.637,24 |
| Soma global no ano | | | 23.815,42 |

«Como acaba de ver-se—diz S. Boudnik (3)—as depreções do 3.º trimestre são cinco vezes mais consideráveis que as do 4.º trimestre e catorze vezes mais ainda que as do 2.º trimestre».

(1) L. Magaziner: «Composição do VI Congresso dos Sindicatos da U. R. S. S.», «Vestnik Fronta» (O Mensageiro do Trabalho), órgão mensal do Conselho Central dos Sindicatos da União, Janeiro de 1925, p. 73.
(2) «Vestnik Fronta», p. 154.
(3) Loc. cit., p. 159.

proclamando a liberdade, não podemos deixar de discordar da orientação autoritária e despotica a que aquele povo se vê sujeito pelos desviadores da sua revolução e sob a férula dum regime que falsamente se denomina de «ditadura do proletariado».

Pelo artigo que hoje inserimos se prova a sociedade, que a liberdade do proletariado russo nada mais é do que uma ficção.

Sindicato dos Couros e Peles—Sindicato do distrito de Ter: o secretário gastou os fundos do Sindicato; será julgado.—Sindicato do Ural: o secretário do comité local, Goutcharoff, gastou em necessidades pessoais 68 rublos pertencentes ao Comité de Fábricas.—Leninegrado: o representante do Sindicato numa das oficinas gastou 290,62 rublos de cotizações.—Sindicato do departamento de Tuer: o tesoureiro Olisoff não deu contas de mais de 5 rublos dos 531,07, que deviam encontrar-se no cofre. Um correspondente sindical em Tula refere que os fundos sindicais se esbanjam em orgias.—Em Tambou: o secretário do comité de fábricas, Paulov, fugiu depois de se apropriar de 29 rublos do cofre sindical.—Em Moscóvia: a comissão sindical de revisão descobriu um déficit de 556,12 rublos na fábrica «Chorkoj».—Outro correspondente sindical do distrito escreve que a apropriação dos fundos sindicais assumiu um carácter epidémico. (4).

Informe de um correspondente sindical: «O presidente do comité da fábrica «Tzentropozad» de Jarkoff um tal Katz, apropriou-se de 600 rublos de fundos sindicais, gastando-os em orgias crapulescas» (5).

«O presidente do comité de fábrica de Jaroslav, apropriou-se de perto de 1.500 rublos» (6).

«Em Tula, 4.500 rublos foram subtraídos do cofre sindical pelo presidente do sindicato, Korneef, pelo presidente do comité da fábrica n.º 4, Baturine, e pelo presidente do comité da fábrica de arnêses Titouchine. Esse dinheiro foi dissipado em orgias» (7).

Sindicatos diversos—«Foram descobertos, em 1924, desvios de cotizações sindicais na manufatura de tabaco de Kostroma, no sindicato departamental de aprovisionamento nacional de Omsk no sindicato departamental dos operários das fábricas químicas de Donetz e na oficina sindical do distrito de Maikop. Existem casos de distração de fundos sindicais nos comités locais do sindicato dos empregados das instruções soviéticas, etc., etc.» (8).

Salário e trabalho por peça

Salários mensais em Leninegrado (9) nas fábricas de couro (rublos ouro):

| Nome da fábrica | Setembro 1924 | Dezembro 1924 | Aumento + Diminuição |
|-----------------|---------------|---------------|----------------------|
| Skorodad | 73,80 | 66,63 | - 9,8 % |
| Radichtcheff | 73,96 | 66,25 | - 10,5 % |
| Marxista | 66,87 | 73,74 | + 10,27 % |
| Komintern | 66,82 | 53,25 | - 20,3 % |
| Bebel | 70,24 | 66,46 | - 5,4 % |

Estes salários estão muito por baixo do mínimo necessário, em face da carestia dos viveres e matérias primas. A diminuição dos salários no período de Setembro a Dezembro, explica-se sobretudo pelo facto de que foi precisamente nesse período que o governo russo, de acordo com o Conselho dos Sindicatos, introduziu o sistema do pagamento por peça. Este sistema, detestado sempre pelo movimento operário mundial, e que se considerava ser o sistema de exploração por excelência, foi introduzido pelos bolchevistas russos com o fim de intensificar a produtividade do trabalho. Eis aqui os resultados obtidos na indústria dos Couros e Peles:

| Influência do trabalho por peça sobre a produtividade e salários (mús covin) | | | |
|--|----------|---------|--|
| Nome da fábrica | Produção | Consumo | |
| Couros: | | | |
| Troujenik | 130,9 % | 110 % | |
| Charkov | 95,5 % | 99,2 % | |
| Zolnyatukha | 143 % | 97,2 % | |
| Trosekourovsky | 110,2 % | 86,6 % | |
| Krazny Postanchetnik | 216,7 % | 145,5 % | |
| Krazny Kajennik | 137,4 % | 114,5 % | |
| Calçado: | | | |
| Commune de Paris | 113,9 % | 101,7 % | |
| Banrevetnik | 154,4 % | 127,6 % | |
| Krazny Obouchetnik | 120,3 % | 212,8 % | |
| Kraznaya Ohorana | 296,3 % | 93 % | |
| Chkloa | 115,1 % | 91,4 % | |

Como se vê, esse sistema «sudorífico» aumentou a produtividade ao mesmo tempo que diminuiu os salários: em todos—à exceção de um só—e absolutamente em quase metade dos casos.

Tudo para o Estado Proletário, inclusivamente a saúde e a vida dos trabalhadores—tal é a nova divisa dos caudilhos que se puzeram à frente da classe operária russa.

Os estados burgueses não têm mais do que imitá-lo e pô-lo em prática para o maior bem do proletariado.

Os contratos colectivos

A partir da introdução da N. E. P., (Nova Política Económica de Lenine), os sindicatos elaboraram modelos de contratos a firmar entre operários e patrões (o Estado). Esses contratos eram geralmente elaborados e firmados pelas centrais sindicais das indústrias. O 6.º Congresso dos Sindicatos da União compreendeu, finalmente que havia certos limites ainda para a mesma centralização bolchevista.

Com efeito, decidiu que «com o fim de introduzir uma relação directa entre o aumento da produtividade do trabalho e as flutuações dos salários, considerava necessário que se introduzisse uma descentralização dos contratos, mediante a limitação do sistema de contratos gerais inter-sindicais».

Mais ainda: os operários não tinham, até aqui, nenhuma participação directa na elaboração desses contratos. Surge agora o remédio: pelo menos, no papel, o Congresso resolveu que «a fim de garantir com êxito a realização dos contratos colectivos e de os usar com maior frequência a título educativo, é preciso que os contratos colectivos anteriormente à sua aceitação, sejam de antemão discutidos a fundo, em assembleias gerais...» Com este mesmo fim, «o Congresso considera necessário que se continue o trabalho de simplificação dos trabalhos colectivos de modo que sejam facilmente compreensíveis para os operários».

O que é a política?

Eis aqui o texto duma das resoluções do 6.º Congresso: «Os problemas políticos da classe operária exigem, a fim de reforçar a união com os camponeses, a redução ainda mais acentuada dos preços dos produtos industriais...» Parece que não está nos objectivos da economia nacional que os preços sejam reduzidos...

Alejandro SCHAPIRO

(Dos Tiempos Nuevos)

(1) «Metall» órgão central da Federação Russa dos Metais, n.º 9, 21/25 Março 1925.
(2) Y. Lévine: «A Voz dos Trabalhadores dos Couros e Peles», Moscóvia, n.º 3 (114), 18 Fevereiro 1925.
(3) «A Voz dos Trabalhadores dos Couros e Peles», n.º 6, 15 de Março 1925, p. 6.
(4) Idem, p. 6.
(5) Idem, p. 8.
(6) M. Guéguéthkhor: «As finanças no 6.º Congresso dos Sindicatos—«Vestnik Fronta», Janeiro de 1925, p. 101.
(7) «Vestnik Fronta», «Trabalhador dos Couros e Peles», n.º 7 (115), 15 de Abril de 1925.

A PRIMEIRA SESSÃO da viagem de propaganda no Sul e Sueste foi muito concorrida

Os ferroviários de Casa Branca confirmaram o seu espírito revolucionário

Conforme anunciamos, os ferroviários do Sul e Sueste estão efectuando sessões nos vários pontos das respectivas linhas, tratando da questão das reclamações apresentadas às entidades competentes, nomeação dos delegados ao Congresso Confederado, propaganda geral, etc.

A primeira sessão realizou-se na sua delegação de Casa Branca, na quinta feira, com a comparencia de muitos ferroviários daquela área.

Presidiu à mesma Custódio Bota, secretário por Luís António Pisa e José António Mesquita.

Alfredo Carvalho, secretário geral do Sindicato, chegou para saudar os ferroviários presentes, aconselhando a maior energia e solidariedade não só para o levantamento moral de toda a classe, como para que se observe a satisfação das reclamações entregues.

Alude à situação miserável da classe e ao seu trabalho que não é compensado como de justiça.

Faz mais considerações de ordem geral, terminando por apelar para a união de todos os ferroviários.

Alfredo Pinto, membro da comissão de melhoramentos, refere-se desenvolvendo a situação precária da classe, «démarches» efectuadas, fazendo confrontos elucidativos sobre os vencimentos dos ferroviários aos dos restantes assalariados do Estado, demonstrando assim as condições de verdadeira inferioridade em que aqueles se encontram.

Salienta a existência dum elevado número de pessoal superior que sobrecarrega imenso as receitas dos Caminhos de Ferro do Estado, quando, a sua redução ao indispensável, beneficiaria toda a classe que luta com a miséria.

Refere-se às percentagens reclamadas e à justiça que as mesmas encerram.

Refere-se à aquisição de carvão estrangeiro e ao seu enorme dispêndio e alude ao celebre caso da Mina de Santa Susana, para tirar a dedução de que se houvesse maior preocupação com os interesses dos caminhos de ferro, se pouparia uma elevada importância neste combustível.

Exorta os ferroviários a firmarem bem a sua posição perante o Sindicato de forma a conquistarem o que foi pedido.

Mário Castelhano, delegado da Federação Ferroviária, inicia as suas considerações com uma saudação aos ferroviários do Sul e Sueste, afirmando ser a primeira vez que dum forma geral aquele organismo envia delegados em propaganda a uma das linhas existentes. Explica desenvolvendo quais os motivos que tem impossibilitado a Federação de desenvolver a sua acção, em relação ao valor social da classe que representa e à necessidade que há de acompanhar, nas suas variadas fases, o movimento social contemporâneo.

Alude à questão social em Portugal e seus efeitos no meio ferroviário, demonstrando que certas e determinadas condições de isolamento em que os ferroviários de algumas linhas se encontram, tem dificultado muito o seu desenvolvimento sob o ponto de vista sindical. Só uma intensa propaganda poderá obviar a esta inconveniente propaganda que as principais linhas devem favorecer, robustecendo moral e materialmente a Federação.

Faz uma análise ao movimento ferroviário de além fronteiras para provar que no estrangeiro se destacam, pela sua organização, os ferroviários, as lutas que os mesmos têm sustentado e as perseguições de que têm sido vítimas, frisando por exemplo a grande greve dos ferroviários franceses de 1920, e a tremenda e iníqua repressão que alvejou directamente os ferroviários do Estado de Itália, após a implantação do fascismo naquele país.

Aborda a questão das reclamações dos ferroviários do Sul, dando em nome da Federação todo o seu apoio, as quais poderiam ser já feitas em conjunto com as das restantes redes, por aquela se não foram as mesmas, mas expostas e lembradas a necessidade que há de classe ferroviária se dedicar ao estudo das questões que directamente a interessam a fim de se não observar a permanente e angustiada situação em que a mesma quasi sempre se encontra e a sua modificação seja mais positiva do que até hoje.

Recordou as lutas denodadas também que os ferroviários portugueses têm sustentado e para que os mesmos reforcem a sua organização, preparando-se profissional e tecnicamente na sua defesa.

Fez salientar o facto de haver sido decretado já há muito, pelo Estado, o regime das 8 horas de trabalho e os ferroviários que servem aquele ainda se encontram sob um regime diferente.

Tendo um camarada presente ventilado a questão do sindicato da C. P. e patenteado o seu protesto contra a atitude do mesmo sindicato para com a Federação, tendo sido secundado pela assembleia, o delegado da Federação referiu-se ao facto, dizendo não ser da sua missão tratar desse assunto e, por isso, não o faz, visto que o mesmo está adstrito à análise do respectivo conselho federal, mas está convencido que a referida questão deverá ser solucionada a bem da organização pelos ferroviários daquela rede, manifestando, então, a assembleia o desleio de que assim se encaixa para fortalecimento da Federação.

Mamuel Joaquim de Sousa, delegado da C. G. T., depois de apresentar as saudações daquele organismo, analisa a situação do movimento operário internacional em relação à posição da existência das mesmas causas e efeito produzidos exactamente por os trabalhadores se terem preocupado principalmente com a sua situação económica e sido envolvidos em lutas que o desorientam e desviam até mesmo dos objectivos que deve caracterizar o referido movimento.

Alonga-se sobre a péssima situação do operariado das diferentes indústrias, citando vários exemplos das invenções da classe capitalista para colocar em luta entre si a própria classe operária.

Com referência à classe ferroviária, frisa

VIDA SINDICAL

C. G. T. Secretariado de Propaganda Reúne hoje, pelas 20,30 horas.

COMUNICAÇÕES

Federação do Livro e do Jornal.—Todos os dias úteis, das 18,30 às 22 horas, encontram-se, na sede, membros do secretariado para receberem as cotizações.

S. U. C. Civil—Secção da Charneca.—Em assembleia geral, realizada a 28 de Agosto, sancionou, por unanimidade, a nomeação dos delegados ao congresso.

Alfaiates.—Brevemente realiza-se uma assembleia geral para apreciar a resposta da C. G. T. a um ofício deste sindicato, nomeação do delegado ao congresso confederal e apreciar as teses publicadas.

CONVOCAÇÕES

REÚNEM HOJE:

Federação do Livro e do Jornal.—O conselho federal às 18,30 horas.

Federação do Calçado, Couros e Peles.—Conselho Federal.—A's 21 horas para apreciar a crise de trabalho, introdução do calçado estrangeiro e o parecer da comissão administrativa sobre a exequibilidade dos trabalhos aprovados no congresso.

Federação da Construção Civil.—A comissão administrativa de O Construtor às 21 horas.

Federação Metalúrgica.—O conselho federal às 20,30 horas, para tratar da nomeação delegados ao congresso e outros assuntos.

S. U. Metalúrgico.—Secção de Belém.—A comissão administrativa, pelas 20 horas, para continuação dos trabalhos pendentes da última reunião.

Os cobradores devem comparecer às 19 horas.

S. U. da Construção Civil de Lisboa.—Conselho de Secções.—Para assunto urgente, pelas 20 horas, com a presença de todos os delegados.

Empregados Menores do Comércio e Indústria.—A assembleia geral extraordinária, pelas 21 horas, a fim de nomearem delegado ao Congresso Confederal.

Alfaiates.—A direcção, pelas 21,30 horas.

DIAS PRÓXIMOS

Manufactureiros de Calçado.—Depois de amanhã, pelas 21 horas, reúne-se a assembleia geral para apreciar as teses a discutir no Congresso Confederal.

Condutores de Carroças.—A's 20 horas a comissão administrativa.

Impressores Tipográficos.—A direcção pelas 20 horas.

Litógrafos e Anexos.—Amanhã, pelas 20 horas, a comissão administrativa, para assunto da maior importância.

Os delegados de oficinas devem comparecer.

o hábil processo de hierarquicamente a dividir e não ser raro verificarem-se por isso divergências escusadas entre indivíduos dos diferentes serviços ou categorias.

Faz interessantes comparações quanto ao viver dos trabalhadores em relação aos do estrangeiro, para tirar a ilacção de que em Portugal onde pior se vive e prova que os mesmos não devem restringir o seu viver a uma situação de absoluta inferioridade perante as outras classes, mas sim reclamar o mesmo direito à existência, nas suas manifestações, pela facilitação de conhecimentos adquiridos por intermédio da arte, música, literatura, etc., como necessários que todos possuamos e que é necessário satisfazer.

Exorta os ferroviários a organizarem-se dentro das condições que o momento social exige.

Foram aprovadas moções dando toda a solidariedade no robustecimento do sindicato para fazer valer as suas reclamações de momento e as aspirações de absoluto bem estar de futuro e nomeando como delegados ao Congresso Confederal os camaradas Alfredo Carvalho, Alfredo Pinto e João Fernandes Cavalheiro.

A sessão encerrou-se aos vivas à Federação Ferroviária e Confederação Geral do Trabalho.

Congresso Confederal

A representação dos rurais de Aviz

AVIZ, 27.—No Sindicato dos Rurais realizou-se uma sessão de propaganda, na qual usou da palavra Artur Aleixo de Oliveira, delegado da C. G. T., que começou por condenar a atitude de indiferença que a classe rural vem mantendo perante o seu sindical nesta época em que, mercê da grave crise que assoberba a classe, se torna necessária a união de todos os rurais para impedir que a miséria invada os seus lares. Sobre o assunto foi aprovada uma proposta determinando a acção a desenvolver pela classe.

O delegado da central operária dissertou depois sobre a importância dos congressos rural e confederal, lendo algumas das teses a discutir. Aproveitou-se uma moção dando a adesão aos dois congressos, nomeando-se delegado aos mesmos José Casimiro. A sessão terminou no meio de grande entusiasmo com vivas à C. G. T. e A. I. T.—E.

s rurais de Evora nomeiam representante aos congressos federal e confederal

Reuniu-se a assembleia geral da Associação dos Trabalhadores Rurais de Evora, nos dias 22 e 27 do mês transacto, para, entre outros assuntos, se ocupar da realização dos congressos rural e confederal. Decidiu-se a adesão a esses dois congressos nomeando-se delegado da classe Vital José.

Discutiu e aprovou todas as teses publicadas em A Batalha para serem apresentadas no Congresso Rural.

Ficaram para discutir em futuras assembleias as teses que serão apresentadas no Congresso Confederal, realizando-se para o efeito uma assembleia, depois de amanhã, às 21 horas.

Todo o operário tem o dever de possuir este livro

A educação moral da criança na família

Por Benoit Bouché.—Tradução de Emílio Costa.—Livro premiado em concurso na Bélgica, pela sua importância social.—Um verdadeiro Manual de Educação, que todos os pais, tutores, professores e novos devem possuir para sabermos conduzir a educação das crianças.—Preço 5\$00, pelo cor. 5\$50. À venda nas livrarias.—Pedidos à livraria Renascença, de J. Cardoso, r. Poais de S. Bento, 27-29—Lisboa

recer, a fim de prestarem as contas relativas ao mês de agosto, trazendo os respectivos verbetes.

E' da máxima urgência trazer os produtos das quotas pró despesas do congresso, a fim de esta comissão estar habilitada a contar com aquilo que deve pôr do cofre sindical.

SINDICATOS DA PROVINCIA

S. U. Metalúrgico do Porto.—Reúne-se amanhã a assembleia geral, pelas horas, para nomear delegados ao Congresso Confederal.

Sapateiros de Beja.—Reuniu-se a assembleia geral em 26 do p. p., que se ocupou, conforme noutro local noticiamos, duma pretensão baixa de salários.

Apreciou depois o procedimento de Francisco António Rato, ex-tesoureiro, irradiado por ter, abusivamente, fornecido cópia dum documento a elementos estranhos ao sindicato, o qual até aquela data ainda não tinha dado contas de expêndite, cobrança e mais haveres do sindicato, dos quais é detentor.

Aprovou-se uma moção deliberando que, até ao dia 27, Rato desse conta do que do sindicato detém, e que, depois dessa data, a direcção adoptasse as providências que melhores lhe parecessem, ficando a mesa da assembleia incumbida de transmitir essa resolução ao ex-tesoureiro.

JUVENITUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa.—Secretariado Central.—Reúne amanhã, pelas 20,30 horas.

Secção de Belém.—Reúne hoje o secretariado seccional, pelas 20,30 horas.

Comissão de Auxílio a José Silva Costa.—Reúne amanhã, pelas 20,30 horas.

Núcleo do Porto.—Reuniram-se as comissões administrativas de propaganda, com os delegados das secções. Apreciado um ofício da sub-comissão (Castelo-Branco) de auxílio a José Pires de Matos, resolveu-se promover uma quele entre os jovens.

Deliberou-se reorganizar a comissão de educação e propaganda. Aceitou em princípio um pedido de demissão, justificado, do secretário arquivista.

Tratando-se do robustecimento das secções, decidiu-se aguardar a recomposição da comissão de propaganda.

Resolveu-se ainda apoiar o movimento que a U. S. O. vai iniciar para o regresso à metrópole dos deportados, oficiando-se-lhe nesse sentido.

Reunem-se em assembleia geral os jovens de todas as secções, pelas 21 horas de quinta-feira próxima, na sede, R. Entreparedes, 33, 1.º

Reunem hoje, às 21 horas, as comissões administrativas e de propaganda.

Os encarregados da venda de O Grito da Juventude, devem ir buscar o 2.º número, à sede, das 21 às 23 horas, todos os dias úteis.

SOLIDARIEDADE

Pró-José Pires de Matos

Reuniu-se a sub-comissão de estudo que constatou já algumas respostas a circular, apêlo que enviou o organismo e indivíduos.

O estado de J. Pires de Matos, que tem sido estacionário, tornou-se mais grave.

Em face disto ponderou esta comissão na necessidade de novamente apelar para todos os camaradas e organismos para que não falte o indispensável para que o restabelecimento deste nosso camarada seja um facto.

Toda a correspondência, etc., para: José Vilhena—Associação dos Corticeiros—Castelo Branco.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Angola» são hoje expedidas malas postais para a Madeira e Africa Ocidental e pelo paquete francês «Roma» para as ilhas dos Açores e New York, sendo da Caixa Geral as últimas tiragens de correspondências, para ambos os paquetes, às 13 horas e para as registadas recebe-se até às 11.

Também por via Marselha se expedem malas de correio para a Índia portuguesa e Macau, efectuando a última tiragem às 11 horas e 30 minutos.

A água do Andaluz

A comissão de defesa e melhoramentos desta água mandou fazer um tubo com quatro bicas, que aplicado à boca do chafariz permite encher quatro vasilhas ao mesmo tempo